



## PSICANÁLISE, CINEMA E SONHO

**Professor:** Pedro Luís Ribeiro de Santi

**Monitor:** Gabriel

**Sala:** Auditório

### Aula 2 – Luto e memória – 2/6/2011

O eu tem como limite o corpo, mas não se encerra a ele, e se estende por toda a nossa representação, de forma que há um pedaço de nós em tudo aquilo que compõe nosso universo representativo. Por isso, todas as coisas e pessoas que fazem parte da nossa vida detêm um investimento de nossa energia e, ao serem modificados ou desaparecerem, levam nossa mente a introjetar o que era investido neles, dando início ao processo de luto.

Para realizar essa introjeção, a energia tem que antes ser desligada do objeto, o que exige um movimento da representação em torno desse objeto, que é feito com um trabalho de rememoração. A mente revê lembranças do objeto incessantemente, cultuando-o e mantendo-o vivo, mas já tendo em vista a despedida. O final do luto é complicado, pois pode fazer o eu se sentir culpado de continuar a vida quando o objeto ou pessoa está morto, mas no fim do luto, a conclusão é que o eu respeita a dor e respeita o objeto, mas quer manter-se vivo. Uma consequência do luto é a incorporação de atributos do objeto perdido, porque aquelas representações que faziam parte do eu por meio do objeto vão continuar fazendo parte do eu, mas independentemente. O próprio eu é fruto de vários processos de luto, uma vez que ele nasce juntamente com a primeira separação, que é a do bebê e da mãe, que causa o primeiro luto.

### **Ressignificação da memória e produção de sentido**

Freud desenvolveu uma teoria chamada *teoria da sedução*, para explicar alguns sintomas em pacientes que sofreram abusos. A teoria se baseia na ideia de que dois acontecimentos ocorridos em tempos diferentes podem levar a um sintoma. O primeiro acontecimento, chamado de "primeira cena" ou "cena de sedução", é o ato sexual do adulto perante a criança. Essa cena é denominada "sexual pré-sexual", pois a criança ainda não tem o aparato psíquico para entender o que está acontecendo, então o evento não fica registrado na mente dela como sexual, apenas como um comportamento ao qual ela não consegue dar sentido, mas consciente na memória. Então acontece a segunda cena, geralmente na adolescência, um acontecimento não necessariamente violento nem traumático, mas a partir dele o paciente, agora com novo repertório de sentidos e já com a sexualidade desenvolvida, entende o que ocorreu na primeira cena exigindo que aquela lembrança seja reprimida e, portanto, gerando um sintoma.

Isto só é possível porque toda memória é uma representação, não um registro objetivo, mas uma interpretação, assim como a própria percepção da realidade, subjetiva. Por esse motivo que é comum que algumas memórias por vezes sejam apresentadas com uma ou outra adição fantasiosa, ou que haja conflito entre dois relatos de um mesmo evento, dados por duas pessoas diferentes. Além disso, a lembrança se dá no momento de lembrar, isto é, ela é resultado do contexto em que é evocada e da marca da memória. Por este motivo, algo vivido em uma época com certo sentido pode ganhar sentidos diferentes com o tempo. O próprio processo de luto é um jeito de reviver e ressignificar a memória.

### ***A partida***

O filme usado para ilustrar o tema da aula foi “A partida”, de 2009, dirigido por Yojiro Takita. A trama acompanha Daigo Kobayashi, um violoncelista que se vê desempregado e endividado quando sua orquestra é dissolvida. Junto com sua esposa ele volta a sua cidade natal para morar na casa que herdou de sua mãe; seu pai o abandonou na infância e deixou poucas lembranças. Lá ele arranja um emprego como um *Nokau*, agente funerário que prepara os corpos antes de serem colocados no caixão, que parece desagradável a princípio, mas ele aceita por questões financeiras. O trabalho, a relação com as famílias dos mortos e com seu chefe Sasaki, que o ensina o ofício tal qual uma arte, o levam a mudar a maneira como ele encara a vida. Ao final do filme, Daigo descobre que seu pai, antes tido como desaparecido, foi encontrado morto como indigente. Frente ao corpo, ele admite se envergonhar por não reconhecer o rosto do próprio pai. No entanto, após fazer nele a preparação que costumava fazer em seu emprego, ele encontra uma lembrança que deu ao pai quando pequeno e consegue reconstruir a memória fraturada e dolorosa que tinha dele, recriando o laço afetivo e reconhecendo seu rosto.

**Observação:** *Este relatório foi preparado pelo monitor do curso, um estudante universitário, com base em suas anotações da aula. É apenas uma versão do conteúdo apresentado, destinada a apoiar o aluno em seus estudos. Não substitui a presença no curso, nem outras pesquisas sobre o tema, podendo conter eventuais incorreções – caso identifique alguma, por favor, aponte-a.*